

**O ESPAÇO DA FEIRA COBERTA ISIDÓRIO RODRIGUES DE
REZENDE DE IPAMERI-GO:
REPRESENTAÇÕES DOS PRODUTORES E MORADORES**

**THE SPACE OF THE FAIR COVERED ISIDÓRIO RODRIGUES DE
REZENDE DE IPAMERI-GO:
REPRESENTATIONS OF PRODUCERS AND RESIDENTS**

Lucélio Cardoso Vaz¹ (UEG)

Ademir Divino Vaz² (UEG)

Resumo: A presente pesquisa procura discutir o espaço da Feira Coberta Isidório Rodrigues de Rezende, localizada na cidade de Ipameri-Goiás, em seus aspectos identitários e culturais, abordando as representações dos produtores e moradores que ofertam seus produtos para a comercialização no espaço da feira, ponto de encontro entre feirantes e frequentadores. Nesta perspectiva, o trabalho objetiva compreender as relações espaciais a partir dos elementos culturais na referida feira. A metodologia para atingir o objetivo proposto consta de uma revisão bibliográfica e visitas in loco para observação direta e coleta de dados preliminares à realização do trabalho. Nesse sentido, a pesquisa contribuiu, por meio de dados qualitativos e quantitativos, para se pensar o espaço social, econômico e cultural das feiras livres, em particular da feira coberta em questão.

Palavras-chave: Espaço. Feiras. Cultura. Geografia.

Abstract: *The present research seeks to discuss the space of the Covered Fair Isidório Rodrigues de Rezende, located in the city of Ipameri-Goiás, in its identity and cultural aspects, addressing the representations of producers and residents who offer their products for commercialization in the space of the fair, of meeting between marketers and regulars. In this perspective, the work aims to understand the spatial relationships from the cultural elements in the fair. The methodology to reach the proposed objective consists of a bibliographical review and visits in loco for direct observation and data collection preliminary to the accomplishment of the work. In this sense, the research contributed, through qualitative and quantitative data, to think about the social, economic and cultural space of the free fairs, in particular of the covered fair in question.*

Keywords: *Space. Trade shows. Culture. Geography.*

O conceito de espaço na ciência geográfica

O espaço pode ser compreendido em diversas formas, pois há uma heterogeneidade que o compõe, seja ele no meio urbano ou rural, constituído por suas

¹ Graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Pires do Rio, Brasil. E-mail: luceliovaz95@hotmail.com

² Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (IESA/UFG), e Professor de Geografia da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Pires do Rio, Goiás, Brasil. E-mail: ademirvaz@hotmail.com

peculiaridades envolvendo a afetividade e representando os valores econômicos, sociais e culturais. “O espaço tem sua própria história que se origina da conjunção entre as características da materialidade territorial e das ações; e, é necessária a promoção da circulação de vários fatores como homens, dinheiro, informações, mercadorias, etc.” (BOECHAT e SANTOS, 2009, p. 05).

Os conceitos espaciais são fundamentais para a Geografia. São responsabilidades dos geógrafos analisar e descrever a interação e a integração de fenômenos, relacionando-os ao espaço. Para Santos (1999, p. 51), “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. O espaço está vinculado ao papel das técnicas, ou seja, ele é composto por um sistema de objetos cada vez mais artificiais. Portanto, “a técnica é a principal forma de relação entre o homem e a natureza e é definida como um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço” (SANTOS, 1999, p. 51).

Santos (1997, p. 05) compreende que “o espaço deve ser considerado como uma totalidade, cuja prática exige que se encontre, paralelamente, através da análise, a possibilidade de dividi-lo em partes”. Com isso, a análise é uma forma de fragmentação do todo, com uma diversidade de conjuntos de objetos dispostos na superfície, na qual esses objetos podem ser naturais ou construídos artificialmente pelo homem. É através desses conjuntos que o espaço cria formas resultando na sua origem, significados e características ao um determinado local.

Assim, Santos (1996, p. 122) afirma que:

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. A evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares.

Com a Geografia Humanista e Cultural, o espaço social, ou seja, aquele espaço vivido por cada sujeito exprime sentimentos e experiências dos indivíduos e grupos que estão ligados a ele. Por isso, é necessário analisar a individualidade social de cada espaço. O espaço

vivido refere-se ao afetivo, imaginário, lúdico e simbólico dos que estão nele inseridos (CORRÊA, 2003).

Além das multiplicidades, o espaço também pode ser formado por objetos técnicos. Santos (1999, p. 34) compreende que “o espaço do trabalho contém técnicas que nele permanecem como autorizações para fazer isto ou aquilo, desta ou daquela forma, neste ou naquele ritmo, segundo esta ou outra sucessão”. Contudo, além das técnicas, o espaço também tem a percepção do tempo, que pode ser marcado pela existência física ou pelo imaginário.

O imaginário, por sua vez, tem uma intensidade em base empírica, proporcionando que “o espaço impõe através das condições que ele oferece para a produção, para a circulação, para a residência, para a comunicação, para o exercício da política, para o exercício das crenças, para o lazer e como condição de viver bem” (SANTOS, 1999, p. 34). Nessa perspectiva, há laços que interligam o homem no espaço em que vive, criando inúmeras técnicas para o seu aperfeiçoamento.

As Feiras no Espaço Geográfico

A palavra feira deriva do latim *feria*, que significa dia de festa, dia santo ou mesmo, dia de descanso sendo o dia propício para os feirantes comercializarem seus produtos. Sendo assim, é uma convenção antiga que se formou através dos primeiros agrupamentos humanos. Para Guimarães (2010),

As feiras têm origem na Europa durante a Idade Média e tiveram papel fundamental no desenvolvimento das cidades e no chamado renascimento comercial do século XIII. Quando os camponeses não conseguiram vender nos mercados a produção excedente, trocavam por outros produtos nas ruas a um preço mais barato (GUIMARÃES, 2010, p. 05).

A origem das feiras remete-se a um período a.C como constata Santos (2013), porém esse período é pouco relatado bibliograficamente. No período em que Jesus Cristo esteve na terra, a bíblia faz referência a existência de feiras, como em um momento em que Jesus deparou com uma feira em uma praça. A esse respeito, Santos (2013, p. 04) afirma que:

Aquela passagem bíblica do evangelista João, capítulo 2, do versículo 13 ao 17, a primeira referência de feira depois de Cristo – d.C. Citando a proximidade da páscoa dos judeus, e a subida de Jesus Cristo para a cidade de Jerusalém, onde ao entrar no templo, encontrou os vendedores de bois, ovelhas e pombas, e os cambistas sentados no Templo de Jerusalém, o narrador desse evangelho dar elementos de indução de que ali, naquele momento, se realizava uma feira e/ou uma atividade comercial

típica do comércio. Assim, esses fenômenos econômicos, sociais e espaciais – as feiras – não são tão recentes nos espaços urbanos.

As relações que existem entre cidades-comércios-feiras persistem desde o surgimento e com essa conexão, desenvolveram-se e cresceram juntos, multiplicando os espaços urbanos, resultando em inovações e críticas devido às feiras serem esparsas por ruas ou quadras cobertas, proporcionando o trabalho informal, exercido por vendedores ambulantes, camelôs e camponeses vendendo seus produtos oriundos da zona rural. Os comércios formais ficam insatisfeitos com a sua existência, pois as feiras abrigam as necessidades da população, com isso as vendas no comércio tendem a declinar.

As feiras, tendo sua aceleração não aceita, passou por desafios para que conseguissem se estabelecer no espaço urbano. Primeiro, foram removidas para áreas periféricas das cidades, com o intuito de ficarem distantes dos comércios centrais e perderem suas influências sobre o espaço urbano. No entanto, a feira não é só um ponto comercial, na qual os feirantes comercializam seus produtos, passa a ser também ponto de encontros nas cidades. Mesmo localizada às margens da cidade, isso não impede os frequentadores de vivenciarem esse espaço por meio de várias relações sendo elas econômicas, sociais, políticas e culturais (BRAUDEL, 2009).

Braudel (2009, p.19) aponta que, “por toda a parte, o aumento das trocas levou as cidades a construir mercados (*halles*), isto é, feiras cobertas, muitas vezes rodeados pelas feiras ao ar livre”. No século XVII, Paris foi referência em praticar as trocas de mercadorias, as feiras começaram a se expandir, trazendo diferentes artigos a serem comercializados, devido às grandes demandas e procuras.

Segundo Boechat e Santos (2009):

Desde a antiguidade, as feiras têm como principal objeto promover trocas de mercadorias entre pessoas de diferentes lugares, com diferentes produtos, com a principal finalidade de suprir as necessidades pessoais de cada indivíduo. A partir da queda do feudalismo e o surgimento do capitalismo, esse modo de comércio começou um processo de sistematização e passou a ganhar uma nova importância econômica (p. 03).

O processo de trocas de produtos fez com que surgisse o crescimento do capitalismo, aumentando o comércio nas cidades, vale ressaltar que essas trocas já aconteciam para suprirem as necessidades do homem. Boechat e Santos (2009, p.03) compreendem que “inicialmente o surgimento das feiras foi francamente impulsionado pelas Cruzadas, visto

que, naquela época, era necessária uma forma de atividade comercial que atendesse às necessidades dos comerciantes e viajantes”, ou seja, através dessas trocas, as feiras exerceram um papel importante nas cidades, promovendo opções de produtos a serem comercializados.

As trocas comerciais começaram a serem realizadas nos centros urbanos, possibilitando aos camponeses e feirantes a criação de uma estrutura bancária, pois necessitavam de ter uma renda, já que o capitalismo era e é a acumulação de capital, além de as trocas passarem a ser mediadoras da produção.

A sociedade humana constrói e modifica o espaço geográfico, assim tornando-o adulterado e também responsável pelos agrupamentos humanos que procuram atender suas necessidades, estabelecendo a relação entre natureza, homem e economia. As feiras fazem parte dessas relações, na qual a economia é procedente da natureza, ou seja, as feiras têm seus espaços diversos e livres que são frequentados por todos sem que haja restrições doutrinárias, tendo como objetivo negociar.

As feiras ocupam um espaço no qual os sujeitos estão presentes, sejam para comercializar ou mesmo para encontrar os amigos. O espaço que as feiras compõem é um espaço de várias relações, proporcionando o lazer, a venda, as trocas, o conhecimento, a política, a cultura. Percebe-se que as influências das feiras estão presentes no mundo, pois existem em todos os países e cidades, conhecidas pelas suas dinamicidades no espaço, representadas pelos sujeitos que a compõem em busca de suprirem suas necessidades.

Feiras no Brasil

No Brasil, as feiras existem desde o período Colonial. Na atualidade, elas não perderam suas influências e continuam a ser realizadas. São pontos de compra e venda de diversos tipos de produtos agrícolas e, por vezes, até mesmo artigos industrializados.

Nos tempos modernos, as feiras têm uma variedade grande de produtos disponíveis, desde produtos sofisticados até pequenas coisas que a classe mais pobre precisa. As feiras são a maior e mais completa representação de mercado e até hoje constituem um ponto de encontro entre compradores e vendedores. (BOECHAT e SANTOS, 2009, p. 3).

A feira livre é muito comum em nosso país. Silva (2006, p. 18) aponta que “A feira livre não poderia irradiar valores isolados, sendo que esta compõe um misto de valores e comportamentos muitas vezes antagônicos, de modo que, a comunidade traz a cultura para a feira e esta molda-lhe com o antagonismo”.

Segundo Silva (2006), as feiras promovem e intensificam a produção agrícola presente na região, tendo retornos financeiros para o aprimoramento da produção, levando ao índice de maior produtividade. Na feira, tem-se a fundamentação da identidade de um povo, sendo comum ter a presença de religiosos e também pessoas representando a sociedade de variadas formas como: manifestações políticas, panfletagens dos comércios locais, campanhas em prol ou contra algo, discussão entre os feirantes sobre as produções, estimativas de colheitas, previsões de chuvas e secas.

Lima e Sampaio (2008, p. 07) apontam que:

No Brasil, as feiras-livres tiveram um papel relevante na difusão cultural e formação de núcleos urbanos, principalmente no interior do Nordeste. Exemplos são as famosas e tradicionais feiras de gado, que no início da nossa colonização foram responsáveis pela formação de algumas das formas de povoamento que depois se transformaram em grandes cidades, núcleos econômicos e culturais.

As feiras estão presentes em todas as regiões brasileiras, no entanto, com desenvolvimentos diferentes. Por exemplo: alguns estados da região Nordeste passam por um labor rudimentar de suas lavouras e rebanhos de gado, através dessas dificuldades, é notável a carência de condições que há entre os nordestinos. Mesmo enfrentando esses contratempos, as feiras no sertão nordestino não deixam de acontecer. Além dos fatores econômicos que circulam nas feiras, as difusões culturais são presentes nas atividades exercidas pela população, expondo as manifestações da cultura dos nordestinos.

Lima e Sampaio (2008, p. 7) apontam que, “no interior do Nordeste, várias cidades se tornaram conhecidas, devido às feiras de gados, no caso de Quixadá e Baturité/CE, Campina Grande/PB e Feira de Santana/BA, tornando-se centros de comércio de gado [...]”. Através do desenvolvimento das feiras nessas cidades, criou-se uma polarização regional, ou seja, as feiras passaram a serem importantes para as cidades, sendo reconhecidas por todos da região.

Portanto, as cidades menores tiveram a oportunidade de ter um comércio livre, garantindo a comercialização de produtos agrícolas ou produzidos na área urbana, sendo oriundos da produção familiar. Muitos participantes têm as feiras como o principal local de comércio. O dia de feira é o dia mais movimentado na cidade, tendo tanto o encontro do rural quanto o do urbano, assim, proporcionando um lugar diversificado sejam nos produtos ou mesmo nos encontros interpessoais.

Teoria das Representações Sociais

As representações sociais surgem a partir do psicólogo social Serge Moscovici que, em suas obras, explica a importância dos fenômenos que compõem o homem, discutindo a concepção coletiva, mas ressaltando a individualidade. *A Psicanálise, sua imagem e seu público* é uma obra de Moscovici que resgata e mostra a psicologia social, aborda um espaço que é imaterial, representacional e simbólico, busca entender a existência de realidades, crenças e saberes socialmente construídos e compartilhados, e leva o indivíduo a pensar, falar e decidir suas relações diante do mundo que vive.

Camargo e Wachelke (2007, p. 03) compreendem que:

O processo de representação social permite às pessoas interpretar e conceber aspectos da realidade para agir em relação a eles, uma vez que a representação toma o lugar do objeto social a que se refere e transforma-se em realidade para os atores sociais. As representações sociais tanto são normativas, inserindo objetos em modelos sociais, quanto são prescritivas, servindo de guia para ações e relações sociais. A finalidade das representações sociais é classificar os eventos da vida social segundo uma grade de interpretação grupal, permitindo ações relativas a esses acontecimentos.

Moraes et al. (s/d, p. 06) aponta a origem da teoria das representações da seguinte forma:

A Teoria das Representações Sociais desenvolvida pelo sociólogo Serge Moscovici teve sua origem na França, na década de 1960, e culminou na publicação de sua obra “A Psicanálise, sua imagem e seu público”, em 1961. Psicólogo social romeno, naturalizado francês, Moscovici nasceu em 1928 no seio de uma família judia e vivenciou os horrores da Segunda Guerra Mundial, sofrendo, inclusive, discriminação antissemita. Estudou Psicologia na França, em 1948, investigando e divulgando a psicanálise; lecionou em universidades de renome [...]

O indivíduo exerce suas atividades na natureza de duas formas, sendo individual ou coletiva. O que proporciona a esse indivíduo tem a capacidade de criar ou mesmo recriar ambientes profissionais, possibilitando a convivência social. Assim, as representações estão ligadas ao processo social e familiar, pois os sujeitos entendem que as representações sociais estão presentes em todos os espaços.

[...] a Teoria das Representações Sociais elaborada por Moscovici é uma teoria que pode ser abordada em termos de produto e em termos de processo, pois a representação é, ao mesmo tempo, o produto e o processo de uma atividade mental pela qual um indivíduo ou um grupo reconstitui o real, confrontando e atribuindo uma significação específica (CRUSOÉ, 2004, p. 03).

A teoria das representações é voltada para o conhecimento do senso comum, permitindo que os sujeitos possam interpretar o mundo de uma forma diferente, tendo a

liberdade de se comunicarem entre si assuntos que dizem respeito a um determinado objeto. Quando se estuda o senso comum, depara-se com o conhecimento popular, aquele conhecimento adquirido por diversos sujeitos. O que é destacado por Moraes et al (sd, p. 06)

Podemos dizer que as representações sociais são verdadeiras “teorias do senso comum”, “ciências coletivas sui generis”, pelas quais se constrói uma realidade social. Essas representações sociais se comunicam entre si; são dinâmicas e refletem um determinado modo de compreender o mundo e de ver a vida.

O senso comum é caracterizado por conhecimentos empíricos, passados de geração em geração, experiências já vivenciadas ao longo de uma herança cultural. Já as teorias científicas tem como estrutura a ciência, tendo a capacidade de comprovar (ou não) hipóteses e estudos por meio de análises e experiências. O senso comum perde influências para a ciência, mas não é descartado, pois a origem de um estudo sempre há relatos de uma experiência empírica. Camargo e Wachelke (2007, p. 03) abordam que:

Falar em teorias do senso comum pode implicar também uma aproximação excessiva com as características de teorias científicas, levando a identificar similaridades com as representações sociais, quando na verdade os produtos dessas duas formas de conhecimento – ciência e senso comum – estruturam-se e operam de modo distinto.

Diversos autores discutem sobre as teorias das representações sociais, relacionando as representações, as categorias e a constituição do ser, pois dentre essas situações os sujeitos interpretam o mundo, identificando suas individualidades mesmo estando presente no coletivo, ou seja, em convivência com vários outros indivíduos. Moraes et al. (s.d, p. 06 - 07) apontam que “[...] também contribuíram à Teoria das Representações Sociais, Saussure, com a Teoria da Linguagem, Piaget, com a Teoria das Representações Sociais Infantis, e Vygotsky, com a Teoria do Desenvolvimento Cultural (MOSCOVICI, 1994), dentre outros”.

Portanto, as representações sociais têm princípios na vida real a partir de diálogos interindividuais, nos quais, por meio das diferenças, as pessoas conseguem lidar e aprender com outros sujeitos sobre as diversidades que encontram no caminhar da vida, assim, socializando-se e desenvolvendo novos conceitos.

A Feira Coberta Isidório Rodrigues de Rezende em Ipameri (GO): origem e sua representação

O município de Ipameri está localizado na região sudeste do estado de Goiás, foi elevado à categoria de cidade em 1870. Sua área territorial é de 4.368.991 km² e conta, de acordo com o Censo Demográfico de 2010, com 24.735 habitantes. Sua extensão territorial limita-se com Cristalina, Luziânia, Orizona, Urutaí, Pires do Rio, Caldas Novas, Corumbáiba, Nova Aurora, Goiandira, Catalão, Campo Alegre e Paracatu (MG) (figura 1).

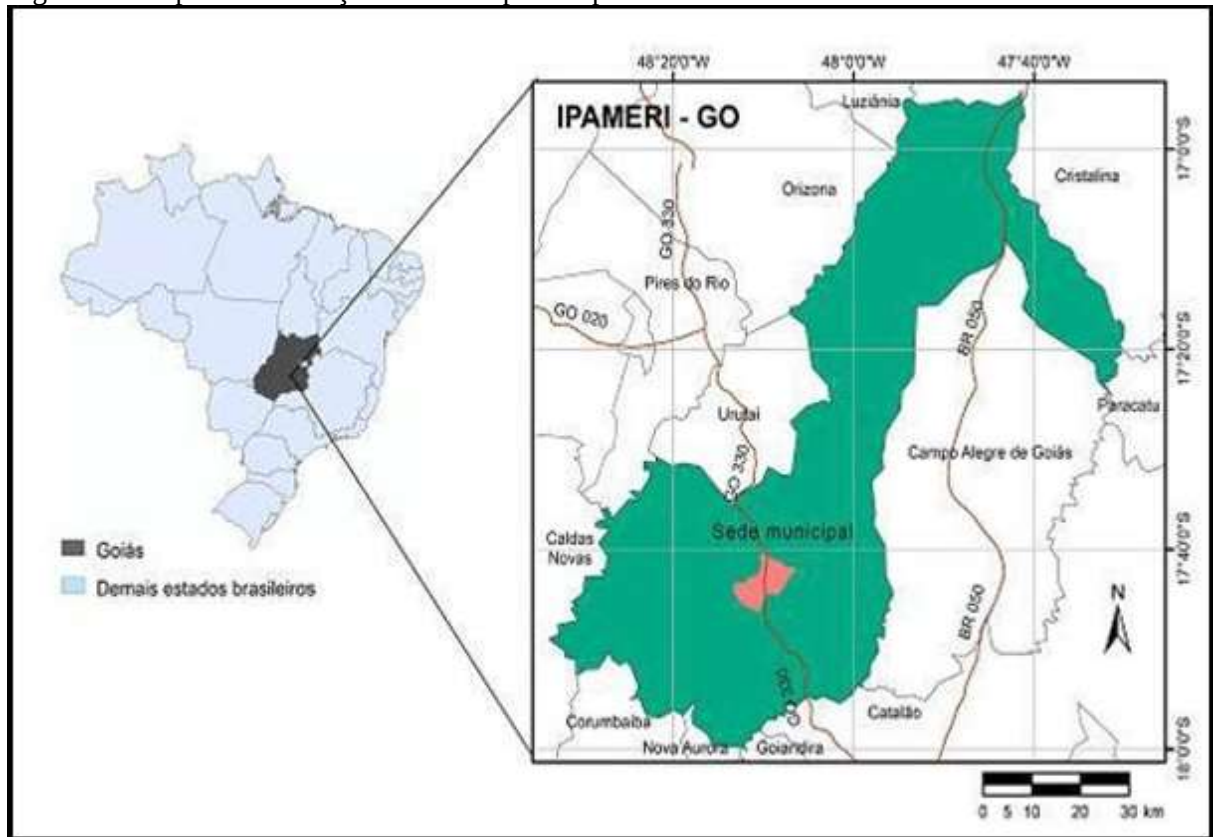
O município originou-se às margens do ribeirão Vai-Vem, lugar em que foram construídas as primeiras moradias, formando o Arraial do Vai-Vem e, posteriormente, o município de Ipameri. O topônimo é de origem Tupi-Guarani Ypau-meri que é a tradução de Entre-Rios, uma vez que o Arraial do Vai-Vem se ergueu por volta de 1812 entre os Rios do Braço e Corumbá.

No início do século XX, a Estrada de Ferro do Centro-Oeste chega ao município de Ipameri (GO), trazendo crescimentos demográfico e econômico. Os grandes fazendeiros, empresários e comerciantes foram os responsáveis pelo progresso do município, sendo o primeiro do Estado de Goiás a possuir energia elétrica, agência do Banco do Brasil e cinema.

A Feira Coberta Isidório Rodrigues de Rezende em Ipameri (GO) ocorre duas vezes por semana, sendo aos domingos e as quartas-feiras a mesma está situada em uma área coberta na Vila Baioch (figura 2). Essa feira é realizada oficialmente desde 08 de agosto de 1988 e tem um significado de representações tanto para os consumidores quanto para os produtores da cidade. Por suas potencialidades, o espaço frequentado por diversos produtores, dentre eles os moradores do Assentamento de Reforma Agrária Olga Benário que se localiza no mesmo município.

Há a comercialização de uma diversidade de produtos, destacando-se os produtos orgânicos, cultivados sem o uso de agrotóxicos, adubos químicos, hormônios ou outras substâncias que alteram o índice de produção e causam danos à saúde. Além dos alimentos orgânicos, são comercializados doces, carne suína, peixes, aves, derivados do leite (como o queijo), panificação, artesanato, dentre outros que, em sua maioria, têm origem a partir da agricultura familiar praticada no município, principalmente pelos pequenos produtores do Assentamento Olga Benário.

Figura 1 – Mapa de localização do município de Ipameri – GO.



Fonte: GONÇALVES et al. A vida no lixo: um estudo de caso sobre os catadores de materiais recicláveis no município de Ipameri, Go, 2013, p.241.

Trata-se de um espaço movimentado, que traz inúmeras interpretações musicais como as cantorias que entretêm os frequentadores e feirantes. Assim, a feira passa a ser um lugar importante para cidade, seja na economia ou na cultura. As pessoas que frequentam a feira têm seus feirantes preferidos e essa convivência de fregueses com vendedores faz com que laços de afetividade sejam criados e perpetuados e, muitas vezes, o cliente se torna o amigo.

A cultura abrange todos os conhecimentos e habilidades que o ser humano possa adquirir ou é passada de geração em geração, com abrangência em relações materiais e nos aspectos espirituais de uma nação. Toda cultura tem sua história própria, na qual as diferenças se tornam particulares sem a intervenção de outras histórias culturais. Esse processo cultural formado por meio de comportamentos, hábitos, saberes, costumes, crenças, tem por finalidade ser passada de geração para geração, ou seja, perpetua a cultura do povo ou do grupo que está inserido.

[...] Os indivíduos e os grupos são condicionados pela educação que receberam: a cultura aparece, assim, como uma herança. As modalidades segundo as quais a cultura é transmitida de uma geração a outra ou de um lugar a outro, favorecida pelas trocas, pelos deslocamentos de curta duração ou pelas migrações, dependem do meio e do nível técnico [...] (CLAVAL, 1999, p. 12).

Os conjuntos de grupos sociais possuem suas particularidades culturais, da mesma forma que interioriza e coloca em prática a cultura herdada de acordo com os desejos e anseios, tornando “a cultura um fator essencial de diferenciação social” (CLAVAL, 1999, p. 14).

A cultura é transmitida através da comunicação, sendo articuladas por palavras “o mundo no qual vivem os homens é feito tanto de palavras e de proposições” (CLAVAL, 1999, p. 13), ou seja, as ações da humanidade se constroem devido aos valores ou mesmo as escolhas de cada indivíduo. Assim, a Feira de Ipameri vem com toda essa diversidade, tendo uma cultura que já é predominante na feira e sempre apta a receber novas culturas.

Boechat e Santos (2009, p. 08) compreendem que

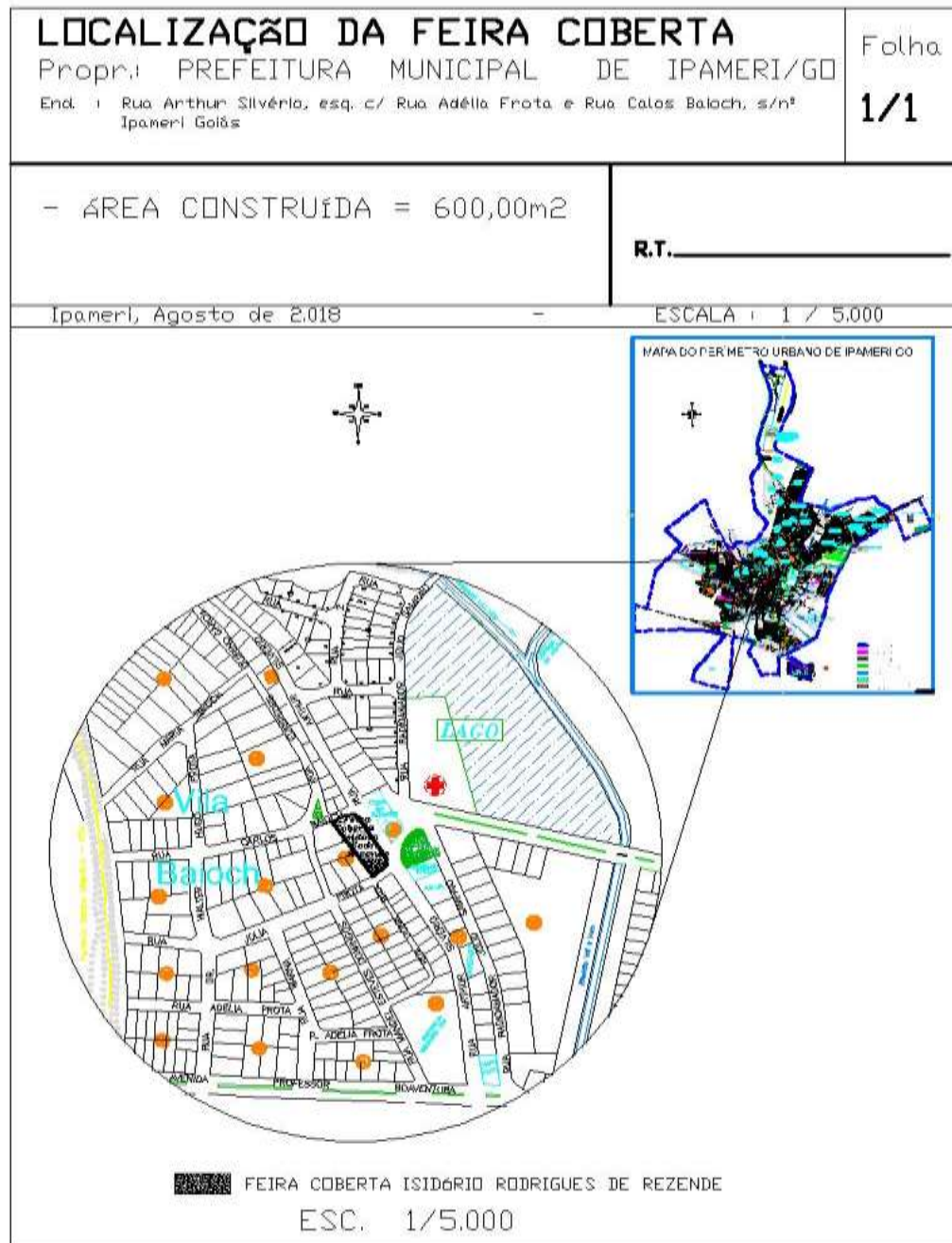
A feira constitui-se também numa espécie de reprodução social, constantemente descartada como tema de estudo pela ciência econômica, se configura um local de troca de saberes, onde os envolvidos enriquecem o seu capital cultural, através da aprendizagem, somando e adquirindo novos conhecimentos e experiências vividas pelo outro. Nesse ínterim ocorrem as trocas de saberes e conhecimentos entre o consumidor e o feirante, cada um com sua bagagem individual de seu mundo de origem e vivência.

A Feira de Ipameri tem uma diversificada cultura que envolve os produtores e a comunidade frequentadora, destacando os costumes e a cultura popular, que resgata e promove a integração social.

Assim, a pesquisa revela que as trocas de saberes é uma tentativa, na qual se cria ambientes de convívio relacionados à realidade vivida. A feira de Ipameri é um lugar livre, que proporciona aos feirantes dispersarem suas bancas e barracas, a fim de adquirir ou mesmo complementar a renda familiar. Entretanto, além da comercialização de diversos produtos, a feira também se torna um centro de relações, ou seja, um ponto de encontro, frequentado pelos feirantes e moradores. Alguns frequentam o local para presenciar a movimentação, trocar experiências, contar piadas ou mesmo cantar. É notável a diversidade que há entre os feirantes e frequentadores.

VAZ, Lucélio Cardoso; VAZ, Ademir Divino. **O espaço da Feira Coberta Isidório Rodrigues de Rezende de Ipameri-GO – Representações dos Produtores e dos Moradores.**

Figura 2 – Mapa de localização da Feira no perímetro urbano de Ipameri – GO.



Fonte: Prefeitura Municipal de Ipameri – Go.
Org: VAZ, L.C. e REIS, A.L.V. (2018).

VAZ, Lucélio Cardoso; VAZ, Ademir Divino. **O espaço da Feira Coberta Isidório Rodrigues de Rezende de Ipameri-GO – Representações dos Produtores e dos Moradores.**

REFERÊNCIAS

BOECHAT, Patrícia Teresa Vaz; SANTOS, Jaqueline Lima dos. **Feira livre: dinâmicas espaciais e relações identitárias.** Santo Antônio de Jesus (BA), 2009. Disponível em: <http://www.uesb.br/eventos/ebg/anais/2p>. Acesso em: 15 de março de 2018.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII: Os jogos das trocas.** 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CAMARGO, Brígido Vizeu; WACHELKE, João Fernando Rech. **Representações sociais, representações individuais e comportamento.** Florianópolis (SC), 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rip/v41n3/v41n3a13>. Acesso em: 28 de junho de 2018.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço, um conceito chave da geografia.** In CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa.; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural.** Tradução de Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Alfeche Pimenta. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

CRUZOÉ, Nilma Margarida de Castro. **A teoria das representações sociais em Mascovici e sua importância para a pesquisa em educação.** Vitória da Conquista (BA), 2004. Disponível em: http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/3792/pdf_12. Acesso em: 10 de agosto de 2018.

GONÇALVES, Cleber et al. **A vida no lixo: um estudo de caso sobre os catadores de materiais recicláveis no município de Ipameri, Go.** Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/841/673>. Acesso em: 02 de julho de 2018.

GUIMARÃES, Camila Aude. **A feira livre na celebração da cultura popular.** São Paulo (SP): USP, 2010. Disponível em: <https://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/140-481-1-PB>. Acesso em: 09 de abril de 2018.

IPAMERI, Prefeitura Municipal. **História e tradições.** Disponível em: <https://www.ipameri.go.gov.br/ipameri/historia-e-tradicoes.html>. Acesso em: 15 de agosto de 2018.

LIMA, Anna Erika Ferreira; SAMPAIO, José Levi Furtado. **Na feira a gente encontra de tudo...: aspectos da formação espacial da feira-livre de Abaiara – Ceará.** Abaiara (CE), 2008. Disponível em: <https://docplayer.com.br/7418767-Na-feira-a-gente-encontra-de-tudo-aspectos-da-formacao-espacial-da-feira-livre-de-abaiara-ceara.html>. Acesso em: 22 de maio de 2018.

VAZ, Lucélio Cardoso; VAZ, Ademir Divino. **O espaço da Feira Coberta Isidório Rodrigues de Rezende de Ipameri-GO – Representações dos Produtores e dos Moradores.**

MORAES, Patrícia Regina de et al. **A teoria das representações sociais.** Peruíbe (SP): Artigo, sd. Disponível em: http://unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/direito_foco/artigos/ano2013/teoria_representacoes. Acesso em: 10 de julho de 2018.

SANTOS, José Erimar dos. **Feiras livres: (re)apropriação do território na/da cidade, neste período técnico-científico-informacional.** São Bento (PB), 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/10771/>. Acesso em: 17 de abril de 2018.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova.** 4. ed, São Paulo (SP): HUCITEC, 1996.

_____. **Espaço e método.** 4. Ed. São Paulo (SP): Nobel, 1997.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4. ed, 17ª reimpressão. São Paulo (SP): Editora HUCITEC, 1999.

SILVA, Ligia Betânia Wanderley. **A Feira Livre em Pedras de Fogo-PB.** João Pessoa (PB), 2006.

Recebido em 28/08/2018
Aprovado em 15/11/2018